



TAP

Impasse nas negociações aumenta pressão

Injeção de capital acaba em março e os €500 milhões inscritos no Orçamento vão ter de entrar pouco depois

Textos ANABELA CAMPOS

Com a maior parte dos aviões de novo em terra e à espera de uma resposta de Bruxelas ao plano de reestruturação apresentado, a pressão é gigantesca junto da administração da TAP, nas últimas duas semanas focada em alcançar um extraordinariamente difícil acordo com os sindicatos. É uma corrida contra o tempo e cheia de barreiras.

Março é um mês chave para a TAP, já que começam a esgotar-se os €1,2 mil milhões injetados na companhia até ao final de dezembro. E é cada vez mais certo que a TAP irá recorrer ao Orçamento do Estado de 2021, onde está inscrita uma verba de €500 milhões para um empréstimo garantido, com a missão de socorrer a companhia. Há poucas dúvidas de que é isso que irá acontecer no início do segundo trimestre, fazendo subir o dinheiro injetado na TAP para €1,7 mil milhões. Sem receitas a entrar — em fevereiro, os voos vão ficar abaixo dos 93% — é irrealista honrar os compromissos sem um novo financiamento.

Regime sucedâneo a pairar

Tarda em chegar-se a um acordo com os sindicatos, cujas negociações se intensificaram nas últimas duas semanas. O projeto inicial do Governo, e isso ficou assente no final do verão do ano passado, era avançar com o regime sucedâneo — o que faria cair todas as benesses dos acordos de empresa e permitiria baixar os salários unilateralmente e despedir — e só depois começar então a negociar com os sindicatos, como aconteceu na reestruturação de 1993. Mas o ministro das Infraestruturas, Pedro Nuno Santos, acabou por recuar e decidir que seria melhor negociar com os sindicatos, ainda que com pouca margem de manobra para satisfazer as suas pretensões. Pedro Nuno Santos tem sido atacado politicamente pelo facto de ser um ministro de esquerda a tutelar uma empresa que poderá vir a despedir mais 3000 trabalhadores. E não quer ficar



Sindicatos avançam com proposta de 560 reformas antecipadas, mas o Governo ainda não deu luz verde. Regime sucedâneo continua a pairar como ameaça numa companhia colada ao chão FOTO TIAGO MIRANDA

com o ónus de não ter tentado atenuar a pesada fatura social desta reestruturação.

Não obstante, a aplicação do regime sucedâneo continua a pairar como ameaça. Na quarta-feira, à hora de fecho, as reuniões ainda decorriam, sem um desfecho previsível e sem a certeza de que o acordo se faria com todos os sindicatos em simultâneo.



Quem parece estar mais bem posicionado para ver as suas reivindicações parcialmente satisfeitas é o sindicato dos pilotos da TAP (SPAC), disposto a um corte salarial temporário superior aos 25% previsto no plano de reestruturação. Mas nem os pilotos têm garantia de sucesso.

As Infraestruturas já adiaram o prazo para a conclusão do acordo de emergência com os sindicatos mais do que uma vez. A primeira data era 31 de janeiro, passou para 2 de fevereiro, e ninguém arrisca dizer quando irão terminar. Pedro Nuno Santos tem admitido que se “trata de um acordo impossível”, mas não quer nem vai desistir de o conseguir. Os sindicatos têm estado incansáveis na apresentação de propostas que permitam reduzir a massa salarial, para evitar um despedimento coletivo. Uma das medidas mais visíveis são as reformas antecipadas. Os sindicatos, noticiou o “Eco”, já identificaram 560 trabalhadores elegíveis: 280 tripulantes, 240 trabalhadores de terra e cerca de 40 pilotos.

Entretanto, em Bruxelas, as reuniões de-

correm, mas nada se sabe sobre o seu conteúdo. O Governo mantém reserva sobre o tema. A expectativa do Executivo era que houvesse novidades ainda em fevereiro, mas nada garante que assim seja.

Sem presidente à vista

Distante parece também a hipótese de a TAP poder vir a ter um novo presidente, alguém com carreira internacional, como pretendia Pedro Nuno Santos, quando o Estado comprou a posição de David Neeleman e passou a controlar 72,5%

Pedro Nuno Santos reconhece que as negociações são uma tarefa quase “impossível”, mas não vai desistir

do capital. Sobre esta questão, o Ministério das Infraestruturas nada diz. Mas dentro dos órgãos de gestão da empresa, inclusive na administração, não se acredita que seja fácil trazer alguém disposto a ganhar menos do que o anterior presidente, Antãoaldo Neves, o valor limite admitido pelo ministro.

Pedro Nuno Santos está de mãos atadas, já que um salário compatível com o que se paga no sector será impopular. O gestor brasileiro ganhava cerca de €50 mil brutos por mês.

Na TAP, é cada vez maior a convicção de que a Comissão Executiva da companhia irá ficar reduzida a duas pessoas — Ramiro Sequeira, como presidente interino, e Alexandra Reis, como administradora — até à assembleia-geral, que deverá decorrer em março. É grande a preocupação com o esvaziamento nos cargos de topo num momento em que a transportadora atravessa uma crise sem precedentes.

A sangria de quadros prossegue. A TAP perdeu no início do ano não só o administrador financeiro, Rafael Quintas, como o diretor financeiro, Bruno Saldanha, um quadro que chegou já depois da privatização. Recentemente, sabe o Expresso, demitiu-se também o diretor da gestão de frota, Nuno Leal. Estava há uma década nesta direção, cuja relevante missão é gerir a interação com os fabricantes de aviões. O sentimento face às saídas de quadros de topo é de “desconforto”, já que a preocupação é que podem não ficar por aqui.

acampos@expresso.imprensa.pt

Segunda vaga de apoios precisa-se

Com a situação da pandemia a agravar-se e as companhias a temerem que o verão de 2021 esteja comprometido, tem havido sinais por parte das transportadoras europeias, inclusive de gigantes como o Air France/KLM, de que há necessidade de uma nova vaga de apoios além dos milhares de milhões já injetados. Há companhias que estão, inclusive, a pedir ajuda à Comissão Europeia, ao abrigo dos danos económicos provocados pelo novo encerramento de fronteiras. Apesar de os sindicatos insistirem na importância de a TAP alterar a estratégia face a Bruxelas e regressar ao lay-off, como outras companhias europeias têm feito, este é um rumo que não está para já nos planos da transportadora.

Negociações com muito barulho e poucos resultados

Chegam a ser 30 pessoas, entre Governo, advogados, consultores, gestores e sindicatos. É tudo virtual e a eficácia é reduzida

Tem sido um corruptivo de reuniões entre a administração da TAP, o Governo e os sindicatos desde meados de janeiro. Membros do Governo, administradores da companhia, assessores de uns e de outros, consultores, advogados da TAP e do Governo e sindicatos. Quando se junta mais do que um sindicato na mesma reunião, chegam mesmo a ser

cerca de 30 pessoas. Demaisadas para que as negociações se façam de forma produtiva e eficaz, queixam-se fontes sindicais ouvidas pelo Expresso.

O Ministério das Infraestruturas, a quem cabe a tutela da TAP, está a ser assessorado pelo escritório de advogados Macedo Vitorino & Associados, com a missão de facilitar as negociações e chegar a um entendimento com os sindicatos. A sua participação foi apreciada, já que ajudou a desbloquear informação há muito pedida pelos sindicatos, mas ainda não desatou nós. Quem tem estado regularmente presente em representação do Governo

-valia. O ministério de Pedro Nuno Santos — cujo gabinete não confirma a contratação do escritório Macedo Vitorino — já tinha recorrido a Guilherme Dray para na greve dos camionistas de matérias perigosas, em 2019, ajudar a resolver o conflito. Já a TAP está a ser assessorada pelo escritório de Pedro Rebelo de Sousa, a SRS Advogados. Nestas negociações participam normalmente duas ou três pessoas da consultora BCG, sendo uma delas Carlos Elavai, sócio do escritório de Lisboa. Mais recentemente, Pedro Nuno Santos participou em algumas reuniões, com a missão de facilitar as negociações e chegar a um entendimento com os sindicatos. A sua participação foi apreciada, já que ajudou a desbloquear informação há muito pedida pelos sindicatos, mas ainda não desatou nós. Quem tem estado regularmente presente em representação do Governo

nas reuniões é o secretário de Estado Adjunto e das Comunicações, Hugo Santos Mendes. Outra presença assídua é Miguel Frásquillo, que, além de presidente do conselho de administração, é também quem chefa o grupo de trabalho da reestruturação e quem faz a abertura das reuniões.

Ramiro Sequeira, o presidente da TAP, fruto das funções, é um dos mais interventivos. Tem sido, porém, notada a pouca experiência neste tipo de negociações, o que faz com que as suas intervenções sejam por vezes consideradas “demaisado

emocionais”, dizem fontes sindicais ao Expresso.

Reuniões virtuais, gravadas e informais

Desde 1993 que não havia um ritmo de negociações tão intenso envolvendo a TAP. Naquele altura, como agora, estava em causa uma reestruturação que iria implicar despedimentos e reduções salariais. Mas as grandes semelhanças ficam-se por aqui. Hoje o cenário é de pandemia, e com a companhia praticamente sem voar, há muitos trabalhadores em casa. Em 1993, a agitação social foi grande, os sindicatos vieram para a rua, gritavam-se palavras de ordem e havia uma frente unida entre eles — de fora estava apenas o Sindicato dos Pilotos.

Agora, as reuniões são virtuais, feitas em Microsoft Teams, e é imperioso que assim seja para manter a distância e evitar o risco de contágio. A virtualização das reuniões, muitas vezes feitas a partir de casa, faz com que os encontros adquiram por vezes um tom informal, nem sempre adequado à seriedade das discussões em curso.

Em 1993, as reuniões eram bem mais restritas e não havia membros do Governo nem consultores, e as negociações dos assuntos mais sensíveis faziam-se de forma reservada, cara a cara com o então presidente da TAP, Fernando Santos Martins, ex-ministro da Indústria de Cavaco, um gestor de personalidade de forte e experiente. Uma das novidades das reuniões atuais é que algumas delas estão a ser informalmente gravadas, o que poderá ser um risco, já que a matéria discutida é delicada. O excesso de interventivos e a falta de experiência na condução deste tipo de negociações têm sido apontados pelos sindicatos como um dos entraves ao sucesso das mesmas. O tempo dirá se chegam a bom porto.

Guilherme Dray, ex-chefe de gabinete de Sócrates e especialista em direito do trabalho, é um dos assessores do Governo



ifthenpay
Multibanco e MB WAY para a sua empresa
www.ifthenpay.com

A
THE ADECCO GROUP
Há 30 anos a colocar as pessoas certas no lugar certo!

OPINIÃO

O caruncho
JOÃO DUQUE E6

Um país à deriva
LUÍS MARQUES E12

Despesas caras
MANUELA FERREIRA LEITE E31

PESSOAS

Maria Oliveira é a nova diretora de Marketing da Central de Cervejas e Bebidas E27

Dicas É um candidato empregável? Se tem estas competências, sim E27

Expresso

AQUI VOCÊ É O CONVIDADO DE HONRA

TRIBUNA
tribunaexpresso.pt

SIGA-NOS NO FACEBOOK
facebook.com/tribunaexpresso

ECONOMIA IMOBILIÁRIO & EMPREGO **Expresso** 2519
5 de fevereiro de 2021 www.expresso.pt

GAMESTOP DENTRO DO MOVIMENTO QUE ABALOU WALL STREET

O ataque perdeu gás, mas muitos pequenos investidores não deitam a toalha ao chão. Fundo que socorreu Melvin Capital está a apostar na desvalorização da REN E16

OPINIÃO DE JOÃO SILVESTRE E3 FRANCISCO LOUÇÃ E RICARDO REIS E4

IN MONEY WE TRUST

OCCUPY wall street!

ILUSTRAÇÃO: HELDER OLIVEIRA

COVID-19

PORTUGAL VIVE A 5ª MAIOR CRISE DESDE 1928

A recessão do ano passado foi a maior desde 1928, o ano em que Salazar se sentou na cadeira das Finanças. A mais grave do último século e meio foi em 1873: 19% E9

ECONOMIA RESISTE MELHOR AO SEGUNDO CONFINAMENTO E8

€400 MILHÕES NO ÚLTIMO GRANDE CONCURSO DO PT 2020 E10

DÍVIDA PÚBLICA TEVE UMA DAS MAIORES SUBIDAS DE SEMPRE E9

Teletrabalho no Estado sem fiscalização

➔ Número de funcionários em teletrabalho é inferior ao do primeiro confinamento ➔ Há queixas de trabalhadores e denúncias de sindicatos ➔ Desconhecem-se fiscalizações da Inspeção-Geral de Finanças, que é responsável pelo controlo E5

ENERGIA SOLAR

A Prosolia, que lançou a primeira central fotovoltaica sem subsídios em Portugal, prepara investimentos de €350 milhões até 2023 E12

TAP: impasse nas negociações aumenta pressão E11

Efacec já tem lista com quase 200 trabalhadores a dispensar

A saída de funcionários é transversal a todas as áreas. Objetivo é encolher antes de privatizar. Reestruturação da dívida está a ser pensada

A administração da Efacec quer limpar a empresa antes da privatização. A par do corte de 500 trabalhadores, dos quais 200 estão já sinalizados, a reestruturação da dívida à banca é outro cenário que está a ser equacionado. O assunto ainda não foi discutido com os bancos credores. E6

Bluepharma investe €200 milhões em Coimbra E15

EMPRESAS SOBEM SALÁRIOS Em tempo de crise, há empresas a aumentar os salários mais baixos e a reforçar os benefícios para motivar e reter trabalhadores E25

Esta é a nossa marca na sua vida

A marca bancária mais reputada Portugal 2021

Distinção que engloba os atributos de admiração, relevância, confiança, preferência e recomendação.



Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu

Santander